

APRESENTAÇÃO DA ARTE RUPESTRE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Beatriz Gomes e Silva¹
Noelya Mineiro Reis Ferreira²
Kelly Cristina Ducatti da Silva³

Introdução

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência realizado por duas acadêmicas do segundo ano de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Trata-se de um programa da Política Nacional de Formação de Professores fomentado pelo Ministério da Educação (MEC) e vinculado à plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O programa proporciona aos acadêmicos de licenciatura a inserção em escolas públicas, tendo o cotidiano da sala de aula como objetivo principal de estudo e investigação. Nesse sentido, podemos reconhecê-lo como uma oportunidade de redimensionar o olhar a questões articuladas com a fundamentação teórico-prática, de modo a contribuir para a construção de conhecimentos pedagógicos para a iniciação da profissionalização docente, conforme ressalta Santos (2013).

A fundamentação teórica referente ao subprojeto do curso de Licenciatura em Pedagogia constitui-se de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, considerando nossa inserção na sala de aula de Educação Infantil. O procedimento metodológico para este relato se ancora em três etapas: 1) observação e participação; 2) planejamento e intervenção; 3) reflexão e conclusão. As atividades teórico-práticas foram realizadas em uma turma de Educação Infantil IV composta por 24 crianças entre 4 e 5 anos de idade, com acompanhamento da professora supervisora responsável pelo grupo e da coordenadora do subprojeto.

O objetivo foi promover a construção da identidade dos alunos a partir do

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, 22004253@uepg.br

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, 22023253@uepg.br

³ Coordenadora do subprojeto-Pedagogia: Doutora em Educação. Professora no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR, kcdsilva@uepg.br

conhecimento sobre o ser humano do período paleolítico. Iniciamos com uma abordagem histórica para que as crianças compreendessem como eram os “homens das cavernas” e, por meio de situações comparativas com o presente, fizessem interligações com o passado, a fim de que identificassem as mudanças entre esses períodos históricos, como, por exemplo: nas vestimentas, na utilização do fogo, nas formas de comunicação e moradia. Também buscamos oportunizar experiências significativas envolvendo as múltiplas linguagens das crianças com atividades lúdicas que enfatizassem a criatividade e a imaginação. Contemplamos o eixo de experiência “O eu, o outro e o nós”, previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir da percepção cultural de descoberta de outros modos de viver, de sentir e de agir, auxiliando no processo de identificação das crianças como seres sociais e evolutivos

A origem da proposição

A temática proposta pelas coordenadoras do subprojeto do Pibid esteve alicerçada no desenvolvimento integral da criança, contemplando aprendizagens cognitivas, socioafetivas e sensoriomotoras na perspectiva das linguagens na/da Educação Infantil, com fundamentação teórica no livro ‘As cem linguagens da criança’, (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999). Os autores enfatizam que as crianças dispõem de diversas maneiras de se comunicar com o mundo, indo além da língua verbal e apresentam o poema de Loris Malaguzzi para expressar que: “A criança é feita de cem. A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar. Cem alegrias para cantar e compreender”.

Inspiradas pela sutileza desse poema identificamos que as experiências vivenciadas pelas crianças despertam questionamentos a serem respondidos; por exemplo: “Será que viemos apenas da barriga da mãe?”. Além disso, o espaço escolar está permeado de outro tipo de curiosidade: “Será que somos efeito de um processo evolutivo construído socialmente?”. Por mais que as respostas dessas perguntas pareçam óbvias, para as crianças é algo muito complexo e difícil de ser compreendido.

Com isso em vista, escolhemos o tema da identidade em uma perspectiva coletiva de “quem sou eu e quais são minhas características físicas”. Priorizamos o “quem sou eu” como ser humano histórico e social e, para desenvolver aprendizagens que fossem significativas e interligadas, decidimos, junto a nossa professora supervisora e regente da turma, trabalhar a construção da identidade das crianças num processo de descobrimento

individual decorrente de intervenções previstas no subprojeto e realizadas mensalmente durante o ano letivo.

Consideramos que levar o conhecimento sobre quem era o ser humano do passado para o ambiente educacional é algo relevante para a construção da identidade e deve ser desdobrado em outras perspectivas pedagógicas para o ambiente de sala de aula.

Resultado em discussão

Na primeira parte do projeto de intervenção, foi realizada uma sondagem com perguntas orientadas, visando compreender o conhecimento prévio das crianças sobre o tema. Foram mostrados objetos utilizados pelos homens pré-históricos para melhor visualização e explicação de suas finalidades, bem como imagens das vestimentas e moradia, de modo que os alunos pudessem observar e dar suas opiniões acerca do assunto. A exposição dialogada foi ampliada com os meios de comunicação que fazem parte do cotidiano das crianças (celular, televisão, redes sociais...) e relatou-se, que no período pré-histórico, o homem se comunicava por meio da arte rupestre. Recursos naturais como açafrão, café e terra foram oferecidos para que os alunos pudessem ter contato e manipulá-los.

A atividade foi encerrada com a simulação de uma caverna de papelão e papel kraft, em um espaço externo à sala de aula, a fim de proporcionar às crianças uma experiência realista e concreta. O ambiente estava escuro e as crianças utilizaram lanternas para poderem entrar na caverna. Os elementos com tintura natural propiciaram o contato direto das crianças com materiais extraídos da natureza, que eram a única opção para os homens daquele período. As crianças finalizaram a atividade pintando a parede da caverna com as tintas produzidas com os recursos naturais. Confirmamos que:

A imaginação e a criatividade das crianças não têm limites, o que favorece o desenvolvimento de sua potência e a exploração e apropriação de suas múltiplas linguagens, ampliando suas formas de expressão. O trabalho com arte na educação infantil é um dos passos para cultivar essa vitalidade natural (BARBIERI, 2012, p. 18).

A elaboração da caverna foi essencial para o êxito da proposição. A comunidade interna e externa à escola foi mobilizada para a obtenção dos materiais e para a construção do ambiente. O material concreto viabilizou uma atividade mais lúdica e que despertasse o interesse pelo que era proposto, para além de somente expor imagens impressas. Nesse aspecto, pode-se articular a responsabilidade do professor de mediar as atividades e criar um ambiente propício para a exploração e a interação dos indivíduos. Ao assumir a

condução de aulas, entendemos que é necessário investir em práticas pedagógicas criativas e nas experiências delas decorrentes, visto que:

A docência é uma atividade que se materializa na ação cotidiana e transformadora dos próprios sujeitos envolvidos. Para tal tarefa são necessários objetivos, conhecimentos, instrumentos e técnicas que precisam se relacionar continuamente, em meios aos desafios e necessidades oriundas da prática (SANTOS, 2013, p. 27).

Para nós, acadêmicas e integrantes do Pibid, foi uma oportunidade de, através do exercício teórico-prático, pensar sobre nosso papel como futuras docentes. Mediante experiências como a relatada, pudemos articular teoria e prática, estimular a criatividade e colaborar com o desenvolvimento integral da criança para além das atividades rotineiras. Momentos como os vivenciados na intervenção fazem com que as crianças se envolvam e tenham aprendizagens duradouras, que tendem a ser memoráveis. Oportunizamos, por meio dessa experiência, que as crianças fossem protagonistas, favorecendo um papel de participação ativa e contribuindo para sua constituição cidadã, ao estimular a capacidade de se reconhecerem como seres dotados de cultura.

O lúdico é importante na construção do conhecimento para as crianças e sua valorização é imprescindível. Vimos que:

[...] o brincar corporal é abordado e considerado no contexto escolar como uma das formas auxiliares na obtenção de uma educação integral da criança. Trata-se de um tema amplo e complexo, que deve ser considerado e enfatizado em seus aspectos pedagógicos, cujos benefícios em relação ao desenvolvimento infantil devem ser evidenciados, bem como as relações humanas e o processo de ensino e aprendizagem. Portanto, sua inserção no contexto escolar deve ser valorizada (CAMARGO, 2014, p. 54)

O brincar corporal deve ser considerado um aliado para a criança compreender o mundo em que vive; trata-se de um ato natural da infância que deve ser respeitado e auxiliado. Além disso, amplia as visões de mundo das crianças, permitindo que coloquem em prática sua expressão criativa e, por meio disso, possam se desenvolver individualmente e com o outro. Assim, experiências que perpassem esse processo são muito mais significativas diante do olhar da criança.

Conclusão

A partir das observações participativas, das intervenções com supervisão da professora regente de sala e da investigação incentivada no âmbito do subprojeto, consideramos que em nossa futura atuação como docentes teremos o olhar voltado para a participação ativa das crianças: não como meros ouvintes, mas como sujeitos ativos no

processo de ensino-aprendizagem.

Destacamos que as atividades lúdicas despertam a curiosidade e viabilizam a colaboração e a reflexão do docente para o aprimoramento de sua prática. Quanto ao tema que exploramos neste relato, entendemos que a arte rupestre é uma forma de comunicação. Por meio das ilustrações dos homens paleolíticos, podemos desdobrar na atualidade acontecimentos do passado, desvendando o surgimento do homem e suas práticas.

O Pibid, dessa forma, nos oferece a oportunidade de desenvolver nossas habilidades pedagógicas, de fazer a relação teoria-prática e de ampliar o repertório de conhecimentos como profissionais comprometidos com a qualidade da educação na escola em que atuamos. Embora seja desafiador sair do convencional, percebemos que o investimento na docência torna o ambiente de aprendizagem mais rico e dinâmico.

Palavras-chave: Formação inicial dos professores; Prática Pedagógica; Docência; Infância; Criança.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, S. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

CAMARGO, D. **O brincar corporal na educação infantil: reflexões sobre o educador, sua ação e formação.** Curitiba: Intersaberes, 2014.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança* Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 59-104.

SANTOS, S. Formação acadêmico-profissional e iniciação à docência: outros olhares, novas possibilidades. In: CAPPELLETTI, N. K.; MARTINIÁK, V. L.; SANTOS, S. (org.). **Docência, reflexão e investigação no percurso de formação inicial.** Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013. p. 23-38.